

Vermelho – Depois da abolição da convertibilidade dos dólares em ouro: 1971 a 2019.

O único período em que a moeda era efetivamente dinheiro, foi no período a azul, e onde a análise de salários, preços e crescimento económico consecutiva se vai focar. Explico um pouco mais à frente o significado de ‘moeda ser dinheiro’.

Voltando ao gráfico em baixo, poderíamos argumentar que pelo facto do preço dos bens e serviços ter diminuído entre 1865 e 1913, isso significa que muito provavelmente o consumo diminuiu, não houve crescimento económico e os salários não aumentaram. Imaginem lá o poder de compra das pessoas aumentar não só porque os preços dos bens e serviços caíram, mas também porque o rendimento aumentava. Isso era um ganho duplo, não me parece que acreditem em contos de fadas.

Entre 1850 e 1900, o Índice de Preços do consumidor e o rendimento ganho por um trabalhador médio por hora em dólares, comprovam o argumento anterior.

Embora os preços tenham descido em média cerca de 50%, a compensação salarial horária aumentou mais de 25%. Portanto isto é quase como um *jackpot* duplo porque não só os trabalhadores médios ganhavam mais por hora, mas também necessitavam de despende de cada vez menos moeda para adquirir bens e serviços.

Há quem diga que a tecnologia deveria, no longo-prazo, tornar o preço de grande parte dos bens que consumimos deflacionário. Mas levará este caminho a uma estagnação económica?

Essa é a pergunta-chave que se deve colocar para compreender melhor se o aumento do poder de compra pode gerar menos investimento e produção económica, visto que poderá existir uma tendência generalizada para acumular poupanças (*‘hoarding’*), ao invés de gastar dinheiro em bens e serviços ou investir para procurar uma taxa de retorno (*‘yield’*).

Estes dados analisados dão-nos uma resposta bastante clara sobre o crescimento económico numa economia desinflationária, onde o poder de compra aumenta tanto pelos salários aumentarem, mas também pelo preço dos bens diminuir.

Essencialmente e relativamente ao PIB, durante o período que comporta 1850 a 1900, a economia dos Estados Unidos cresceu sensivelmente dos \$119,408 milhões para os \$479,691 milhões, o que representa um crescimento acima dos 400%! Trocado por miúdos, o PIB dos EUA quintuplicou (5x) entre 1850 e 1900. Bestial.

Para terminar esta secção é bastante relevante perceber o que significa medir o poder de compra em dinheiro, e não em moeda (fiduciária).

Dinheiro ou moeda?

Recorda-se de ter referido a diferença entre dinheiro e moeda? O gráfico acima ilustra bem como é crítico compreender as *nuances* entre ambas.

A verdade é que o dinheiro é uma tecnologia bastante diferente da moeda (fiduciária). A maior assimetria entre as duas tecnologias é que uma é meramente uma ferramenta contabilística, que

serve para termos sempre a mesma unidade de medida – a moeda; enquanto a outra, é uma ferramenta extremamente útil para que o nosso poder de compra seja constante, ou perto disso, embora os preços possam ser voláteis – o dinheiro.

Por exemplo, se olharmos para a evolução do preço da cerveja, por mera coincidência um néctar muito apreciado entre os portugueses – especialmente no verão – em ouro e em euros, vemos que embora se tenha mantido relativamente estável em ouro, o mesmo não se pode dizer em euros: o preço da cerveja aumentou 16 vezes!

Assim, concluímos facilmente que um dos benefícios de usar dinheiro, ao invés da moeda fiduciária, é que conseguimos manter o nosso poder de compra, e conseguimos de uma forma relativamente fácil guardar valor ao longo do tempo – sem a preocupação do ativo que estou a guardar (dinheiro) irá desvalorizar relativamente ao total de bens que consigo consumir.

Portanto podemos facilmente argumentar que o dinheiro possui as propriedades da moeda, mas que a moeda não possui as propriedades do dinheiro.

Bitcoin: a separação total entre dinheiro e Estado

Todas as histórias têm um lado negro. E o lado negro do dinheiro é bastante profundo.

O dinheiro como tecnologia é claramente aliciante para a plebe. Ou seja, para quem tem hoje acesso à moeda que é distribuída pelos bancos centrais em último lugar.

Sim, se ainda não repararam, na

história da criação da moeda primeiro vêm os estados, depois os bancos e as instituições financeiras, depois as instituições não financeiras, e só no final da pirâmide, para beber das últimas gotas da torneira jorrante de dólares (ou euros), está o povo – o típico assalariado que consome e gasta. Eu e você.

Portanto diria que a tecnologia do dinheiro é extremamente atraente, até deleitosa, para o comum dos mortais. Porque raio não haveríamos nós de viver num mundo em que a nossa moeda vale mais amanhã do que vale hoje?

É aqui que nos deparamos com o abismo, onde mora o lado negro que falei há pouco. Num tipo de economia onde efetivamente a produção de moeda não está somente ligada a um banco central, existe o grave problema dos estados não conseguirem diretamente financiar as suas economias e atividades.

Dito de outra forma, o problema que afeta 99% dos bancos centrais, aqueles que produzem uma moeda local mas estão subjulgados ao dólar, iria trespassar para os bancos centrais poderosos como o FED ou o Banco Central Europeu (BCE).

O lado negro do dinheiro é que este retira parcialmente o poder de criação de uma reserva de valor de forma singular por parte de um estado soberano. Portanto não será de todo a tecnologia preferida para quem governa hoje.

Infelizmente (ou felizmente), a bitcoin veio para ficar. Desta forma, existirá sempre uma escolha para todos: podemos guardar o nosso dinheiro em bitcoin (BTC) ou numa moeda fi-

duciária à escolha, como euros ou dólares.

O facto de existir uma moeda nativa da internet chamada bitcoin, cujo funcionamento eu descrevo em detalhe neste artigo, permite que todos os cibercidadãos e cidadãos do mundo tenham uma escolha.

A bitcoin não vem substituir os bancos centrais, mas sim competir com eles. Não será a bitcoin que impedirá os governos de financiarem as suas atividades. Caso seja a escolha de eleição do povo de uma soberania, isso de facto irá limitar as ações do Estado e banco central dessa mesma região. Porém, qualquer estado-nação tem a oportunidade de competir com a bitcoin e demonstrar empiricamente, através do preço e da escolha do mercado, porque a sua moeda é melhor (ou pior) do que a bitcoin.

Efetivamente, a bitcoin é um dinheiro passivo, não-agressivo, e cujo protocolo fica mais robusto com cada ataque que sofre; a única forma da bitcoin progredir como rede é adquirindo mais mineradores e usuários; a única forma do preço da bitcoin continuar a aumentar no longo-prazo contra moedas fiduciárias, é através de mais pessoas escolherem entrar e ficar; do que aquelas que são passageiras.

Os estados podem efetivamente coagir os seus cidadãos a usar a sua moeda fiduciária *ad-eternum*. Mas será essa a melhor opção para uma qualquer democracia? Ou deverão os estados-nação assumir a existência plena da bitcoin ao aceitarem bitcoin como meio de pagamento de impostos, dando aos seus soberanos uma escolha efetiva entre moeda e dinheiro?

Num cenário quase utópico aos dias de hoje, a escolha que maximiza o benefício para um qualquer estado-nação, incluindo Portugal, seria manter a sua moeda, aceitar bitcoin e até minerar bitcoin – especialmente para aquelas soberanias que produzem eletricidade a baixo custo.

Sigam-me no *podcast* semanal CryptoCafe, disponível numa das vossas plataformas digitais favoritas.

FIGURA 2
Variação do poder de compra com 1€ (entre 2000 a 2020)

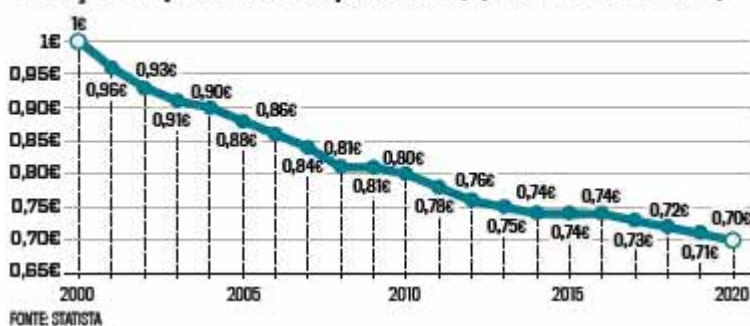


FIGURA 3
EUA - Índice anual de preços ao consumidor

